



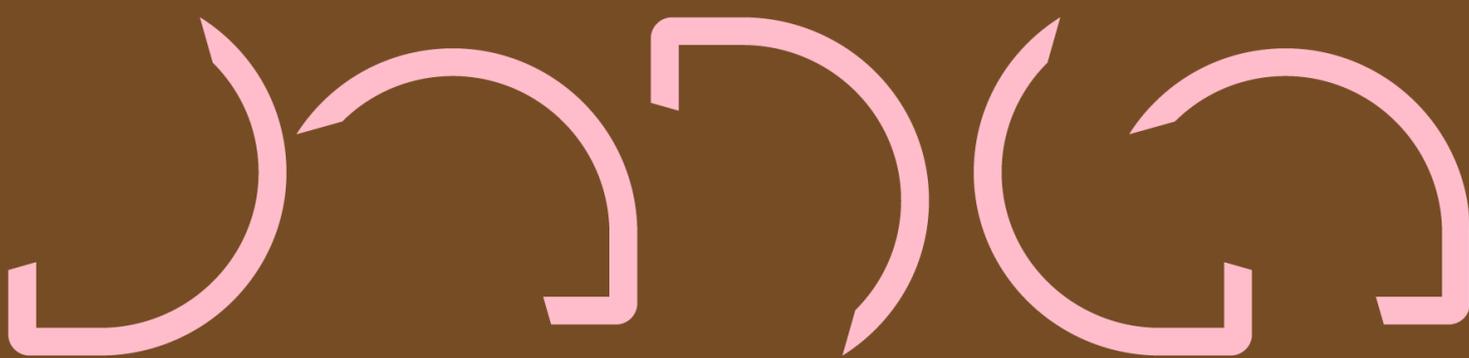
revista
brasileira
de estudos
em **dança**

Quando insolentes dançam...

Quand les insolents dansent...

Gilsamara Moura

MOURA, Gilsamara. Quando insolentes dançam... *Revista Brasileira de Estudos em Dança*, 03(05), p. 236-260, 2024.1.



RESUMO

O artigo *Quando insolentes dançam...* une quatro experiências em dança compartilhadas por artistas-pesquisadoras. O objetivo é apresentar processos de criação elaborados entre 2021 e 2024, enredados aos conceitos de insolência, insurgência e insurreição. A experiência 1, *Partilhas Insolentes–Aweté Katu*, apresenta discussões plúrais acerca da insolência, liberdade, desobediência e metamorfose, em formato de videodança. A experiência 2, *Quando insolentes dançam...*, tema do Festival Internacional de Dança de Araraquara 2022, é uma homenagem dos curadores Gilsamara Moura e Ailton Krenak à Pinar Selek - mulher turca exilada na França, ativista dos direitos humanos e perseguida há 26 anos. A experiência 3, *Insolência 5: eu amo dançar com as maneiras de dizer as coisas*, é uma obra em processo que apresenta ações como dançar e resistir. E *Insolência 4: o sentimento de que tudo é possível*, criação em residência que une artistas dos países Brasil, Paraguai, México, França e Palestina.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Insolentes; Processos de criação.

RESUMÉ

L'article *Quand les insolents dansent...* rassemble quatre expériences de danse partagées par des artistes-chercheuses. L'objectif est de présenter des processus créatifs développés entre 2021 et 2024, tissés dans les concepts d'insolence et d'insurrection. L'expérience 1, *Partilhas Insolentes-Aweté Katu*, présente des discussions plurielles sur l'insolence, la liberté, la désobéissance et la métamorphose, sous forme de vidéodanse. L'expérience 2, *Quando insolentes dançam...*, thème du Festival International de Danse d'Araraquara 2022, est un hommage des commissaires Gilsamara Moura et Ailton Krenak à Pinar Selek - une femme turque exilée en France, militante des droits de l'homme persécutée depuis 26 ans. L'expérience 3, *Insolence 5: j'aime danser avec des façons de dire les choses*, est un travail en cours qui présente des actions telles que la danse et la résistance. Et *Insolence 4: le sentiment que tout est possible*, une création en résidence qui réunit des artistes du Brésil, du Paraguay, du Mexique, de France et de Palestine.

MOTS CLÉS: Danse; Insolente; Processus créatif.

Quando insolentes dançam...

Gilsamara Moura (UFBA)¹

¹ Vice-diretora da Escola de Dança (UFBA). Coordenadora do Colegiado da Licenciatura em Dança a Distância/ UFBA. Pós-doutora em Dança e Política pela Université Côte d'Azur. Líder do grupo de pesquisa ÁGORA: modos de ser em dança (UFBA - CNPq). Artista insolente. Consultora de projetos culturais. Diretora do Grupo Gestus. Idealizadora e Curadora do Festival Internacional de Dança de Araraquara (FIDA), junto a Ailton Krenak. Idealizadora da Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira/ Araraquara-SP. Pesquisadora do Projeto INSOLENTE.

E-mail: gilsamaramoura@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7674-7627>

Quatro Insolências

1- Partilhas Insolentes – Aweté Katu

Como descrito no resumo, este artigo intitulado *Quando Insolentes Dançam...* une quatro insolências, ou seja, quatro experiências investigativas em dança que têm sido compartilhadas pelas artistas-pesquisadoras da Coletiva INSOLENTÉ² (Grupo Gestus - Brasil e Créer en Libertad - Paraguai) desde 2021. Serão apresentados, aqui, tais processos de criação elaborados pela Coletiva entre 2021 e 2024, enredados aos conceitos de insolência, insurgência e insurreição.

A experiência 1, intitulada *Partilhas Insolentes – Aweté Katu*, foi estruturada para garantir plurais desdobramentos e discussões sobre a insolência, a liberdade, a desobediência e a metamorfose, em formato de videodança. “A metamorfose é o princípio da equivalência entre todas as naturezas e o processo que permite produzir esta equivalência”(COCCIA, 2020: p.19).

É fundamental contextualizar às pessoas leitoras, os caminhos pisados antes de chegar até este chão-texto apresentado em outubro de 2023, como comunicação oral, para o Comitê Temático Corpo e Política: implicações e conexões em danças, em Brasília-DF-Brasil, durante o Congresso da ANDA.

A história remete à 2018, pós-eleição no Brasil, quando fui fazer meu pós-doutoramento na Université Côte D’Azur (UCA), em Nice/ França, com sentimento de tristeza e indignação pelo resultado das urnas. Minha pesquisa estabelecia proposições com pessoas estudantes universitárias e mulheres refugiadas, exiladas ou perseguidas que estivessem naquele momento na cidade de Nice, local de passagem de imigrantes que vinham de vários países, passavam pela Itália e seguiam em deslocamento para outros territórios, fugindo de guerras, conflitos, fome, desemprego e outras situações extremas de vulnerabilidade e precariedade. Mulheres que

² A Coletiva Insolente tem sido permeada por diferentes mulheres e é formada, atualmente, por: Gilsamara Moura, Neila Dória, Alejandra Díaz, Brenda Urbina, Nânara Santana, Angel Robin Fox, MariaFlor Guerreira Pataxó, Carol Gierwiatowski, Maria Carolina Gillioli Goos e Marina Amaral.

fugiam de opressores que continuam assombrando o planeta, seja pelo exercício do machismo, racismo e xenofobia, seja pelo colonialismo que se atualiza a cada dia na maioria dos países. Ao chegar em Nice, minha tutora, Dra. Marina Nordera, indicou conhecer a pesquisadora de outra unidade universitária da UCA, Pinar Selek³, de quem eu nunca tinha ouvido falar. Abro parênteses aqui para chamar a atenção a esse fato de desconhecimento que também é fruto da imposição pelos poderosos da mídia global, que impedem que informações acerca de pessoas, principalmente mulheres e outros grupos, circulem de maneira transparente e democrática. Pinar Selek deveria ser conhecida assim como Marielle Franco, Mãe Bernadete e tantas outras mulheres que lutam por direitos humanos e contra sistemas de opressão. A cultura do patriarcado e as desigualdades históricas são vetores importantes a serem considerados nesta epidemia de reiteradas violências contra as mulheres.

Pois então, fui tentar contactar-me com Pinar Selek e soube do lançamento de seu livro *L'Insolente – dialogues avec Pinar Selek*, de Guillaume Gamblin & Pinar Selek, na livraria *Les Journées Suspendues*, no dia 19 de janeiro de 2019 e que seria junto ao lançamento do livro *Le Sillon*, de Valérie Manteau. O encontro ocorreu sob forte emoção, com dois livros evocando a Turquia e desenhando uma rede de sentidos e preocupações partilhadas, de vidas vividas sob o jugo autoritário, de histórias próximas e distantes de nós, simultaneamente. Ambas expuseram um carisma infatigável em prol da paz entre os povos, homenageando Hrant Dink, amigo

³ Pinar Selek é feminista, antimilitarista, socióloga, escritora e ativista. Nascida em 1971 em Istambul, Pinar Selek construiu sua vida, seus compromissos e sua pesquisa em torno do ditado "a prática é a base da teoria". Sua mãe, Ayla Selek, dirigia uma farmácia, um lugar onde as pessoas se encontravam e trocavam ideias, e seu pai, Alp Selek, é advogado e ativista de direitos humanos. Seu avô, Haki Selek, foi um pioneiro da esquerda revolucionária e cofundador do Partido dos Trabalhadores Turcos (TIP). Após o golpe militar de 1980, Alp Selek foi preso e mantido em detenção por quase cinco anos. Pinar Selek passou a estudar no Lycée Notre-Dame de Sion, onde aprendeu francês e conheceu objetores de consciência. Em 1992, ela se matriculou em sociologia na Universidade Mimar Sinan de Istambul, acreditando que era necessário "analisar as feridas da sociedade para poder curá-las". Enquanto estudava, ela passava muito tempo nas ruas de Istambul com crianças e adultos sem-teto. Ela desenvolveu um profundo vínculo de amizade com essas pessoas, mas optou por não escrever nada sobre o assunto por motivos éticos, que ela desenvolve em seu artigo "Working with those on the margins". Em 1995, ela co-fundou o Atelier des Artistes de Rue, que coordenava e do qual participavam moradores de rua, crianças, ciganos, estudantes, donas de casa, travestis, transexuais e prostitutas. (<https://pinarselek.fr/>, tradução nossa)

das duas autoras, ativista turco de origem armeniana, jornalista, escritor e defensor dos direitos humanos, assassinado em 19 de janeiro de 2007 em Istambul. Neste lançamento, outros livros foram citados e lançados também, de Guillaume Gamblin & Pinar Selek.

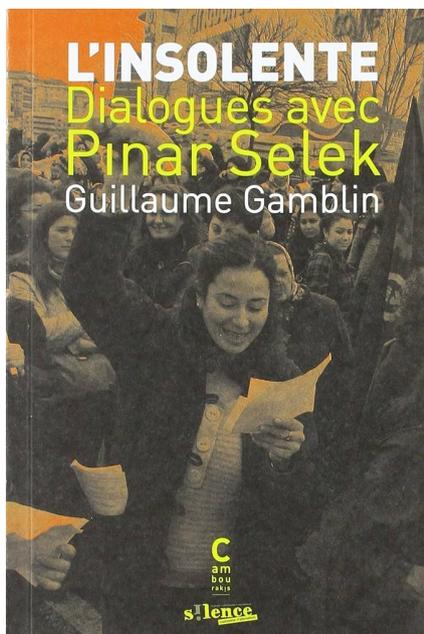


Fig.1. Foto da capa do livro. Crédito: Gilsamara Moura, Acervo Projeto INSOLENTE.

Para todos verem: descrição da figura

Foto da capa do livro de Gamblin & Selek, com Pinar Selek no centro rodeada de várias pessoas numa manifestação. Pinar veste um casaco preto, está com o braço direito levantado, com a mão em punho, segurando um papel e sorrindo. O título do livro “L’Insolente” em branco, o subtítulo “Dialogues avec Pinar Selek” em amarelo e o nome do autor Guillaume Gamblin em branco.

Fiquei atônita com a alegria explosiva de Pinar Selek ao relatar suas histórias de vida enredadas ao seu fazer poético na escrita de vários livros que tomei conhecimento somente naquele dia. Ao final do evento, entendi e associei, imediatamente, a palavra insolente àquela pessoa adorável. Comprei o livro *L’Insolente* e fui ao seu encontro para autografar, antes mesmo de apresentar o desejo de convidá-la para colaborar com minha pesquisa de pós-doutorado pela indicação de minha tutora. Pinar Selek pegou o livro,

olhou nos meus olhos, perguntou meu nome e autografou assim: “Pour Gilsamara, pour une vie souriante, chantante et dansante!! Nice, le 19 janvier 19”, cuja tradução é: para Gilsamara, por uma vida sorridente, cantante e dançante. Nice, 19 de janeiro de 2019.

Bastam algumas atitudes ou gestos ou palavras ou passos ou coreografias, para que consigamos ler o outro (pelo menos uma parte), principalmente quando a sensibilidade está exposta. Foi assim com Pinar Selek, eu li seu autógrafo e pude ler um monte de coisa junto. Pude ler um processo que nascia ali ou que tivesse nascido antes, bem antes. Pude ler com os poros, com as ideias, com as percepções e com um sorriso no rosto. Pude ler um futuro que não se identificava como tal ainda. Parece abstrato demais isso? Não, para quem vive a dança cotidianamente, é comum a expansão de sentidos e conexões; é possível ver aquilo que ainda não está; é possível antever. Bem, mas como o artigo não poderá se estender na extraordinária história de Pinar Selek e as congruências entre mim e ela, assunto para um provável livro no futuro, seguirei para a insolência em questão - *Partilhas Insolentes – Aweté Katu*.

Desde a leitura do livro de Pinar Selek e os inúmeros encontros com ela em 2019, desenvolvi meu pós-doutoramento em Nice/França e, posteriormente, ao voltar ao Brasil em 2020, reestruturei a linha de pesquisa que coordeno dentro do Grupo de Pesquisa *Ágora: modos de ser em dança* (CNPq/UFBA), intitulada *INSOLENTE - diálogos contracoloniais em dança e performance* e que tem, como objetivo, trabalhar com um grupo de pessoas investigadoras, pesquisadoras, artistas e gestoras relacionadas ao ensino e à investigação em dança na França (Université Côté D'Azur), Itália (ORlzzontale: incontri per estar) e Brasil (Universidade Federal da Bahia e Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira). Esta linha de pesquisa reúne pessoas pesquisadoras, instituições educacionais e culturais que realizam pesquisas transdisciplinares originais no campo artístico, acadêmico e socioambiental, cruzando fronteiras e dados, compartilhando pesquisas e desenvolvendo um projeto comum e indisciplinar (GREINER, 2005). Discutem-se: a crítica feminista ao patriarcado a partir de uma perspectiva contracolonial (SANTOS, 2023); os desafios decoloniais em países da América do

Sul; os percursos metodológicos das pesquisas agregadas; processos de criação e obras em processo. A dança é compreendida e concebida como um campo de conhecimento que torna possível articular todos esses temas e que atua, colocando-os em discussão no corpo, cuja centralidade potencializa camadas relacionais em distintas áreas, ou seja, trata-se de pensar o corpo fora do antropoceno, conceito popularizado por Paul Crutzen & Eugene Stoermer (2000) e que ganha robustez no campo antropológico e social quando designa os impactos causados pelo homem em diferentes ambientes e biomas do planeta mas, sobretudo, a postura arrogante frente a natureza. Podemos confirmar, então, que nos encontramos na Era do Antropoceno.

A dança, enquanto área do conhecimento, tem a capacidade de envolver outros olhares, análises e críticas acerca do corpo, não apenas o do humano. Corpoterra, corposemente, corpocosmo, corpogente, corpobicho, corposonho, corporrito. A dança, enquanto área do conhecimento, é propositora de epistemologias que indicam outros caminhos que não aqueles emprestados de outros campos do saber. A dança, enquanto área do conhecimento, é geradora de abordagens críticas de percursos em fase de experimentação, podendo se configurar como um tipo de laboratório de testes em tempo real, uma espécie de convite lacônico de seguir adiante pelos 'aqui e agora'.

Assim, desde o retorno ao Brasil, a pesquisa tratou de reunir pessoas que quisessem participar desta plataforma de pesquisa a fim de desenvolverem etapas sucessivas, integradas e correlacionadas, ativando saberes artísticos, políticos, estéticos e sociais, sem hierarquias e conectados com as discussões compatíveis ao projeto. *Partilhas Insolentes – Aweté Katu* é o primeiro procedimento que se estabelece unindo pessoas de diferentes linguagens: dança, performance, cinema, fotografia, iluminação cênica, sociologia e ecologia. Reunidas numa residência artística que durou 15 dias, entre o povoado de Diogo/Mata de São João/ Bahia, e Araraquara/ São Paulo, as artistas realizaram o primeiro experimento que, posteriormente, integrou a metodologia Insolente, forjada pela autora deste artigo. Tal metodologia tem se estruturado sob os preceitos de uma pedagogia que é mutante e transitória e que busca

orientar-se pela contracolonialidade. Já que não é possível des-colonizar nossos corpos, buscamos agir com paciência e compreender o percurso que possa nos auxiliar a barrar novas contaminações coloniais e estancar a dificuldade em se estabelecer vínculos.

Em abril de 2022, a experiência intitulada *Partilhas Insolentes – Aweté Katu*, com pesquisas, estudos de criação e gravações/registros audiovisuais, produzido pelo Itaú Cultural/ Brasil em co-participação internacional de artistas do Paraguai, Brasil, França e Turquia, estreou como uma vídeo-dança sob o título: *Insolência Pós-abissal: A felicidade é possível*, exibida de modo on-line na 5ª edição da Mostra de Dança do Itaú Cultural 2022 “*Por que dançamos?*”.

Partilhas Insolentes – Aweté Katu, nome original na pesquisa Insolente que proporcionou a convivência de pessoas na Casa Aweté Katu, no povoado de Diogo/Mata de São João/ Bahia e depois em Araraquara/ São Paulo com o intuito de produzir a vídeo-dança, tem a seguinte sinopse: “Voltar à casa, agradecer a existência, tornar-se ninho como um interlúdio do cotidiano. Um respiro dentro dos atravessamentos e dos caminhos interrompidos. Voltar a ser ninho. Travessias iluminadas como anúncio, fronteiras obrigando-nos a encontrar novos caminhos, revolucionar os olhares. Voltar-se casa. A noite como mistério e como oráculo para dançar. Dançar com. Vultamos.”

As perguntas que pautaram a metodologia foram: Como resistir? Como se organizar? Como decidir? Como habitar? Como compartilhar? Como não se anestesiar? Mapas e desenhos foram elaborados a fim de ilustrar e pavimentar os caminhos que surgiam. Outras questões chegavam: De qual ângulo eu vou encontrar o vento? Quais as dimensões de meu veleiro? Continuar até quando?

A metodologia Insolente ia aparecendo como um roçado que foi semeado e os primeiros brotos irrompendo a terra. Artistas imersas em experiências ligadas a Pinar Selek e as identificando com seus universos próprios. O que se temia, não aconteceu. Ao se inspirar na história de uma mulher, pode-se incorrer numa especificidade equivocada que a reduziria a um ponto longínquo em nosso mapa ou que nos isolaria de um contexto mais cotidiano. Ao

contrário, as pessoas envolvidas nas partilhas foram lincando pontos em comum, produzindo relações, fazendo cruzamentos não tão explícitos, porém inevitáveis, e compreendendo sobretudo que ninguém está sozinha numa luta. Por mais específico e pontual que seja, no caso de Pinar Selek, - uma mulher perseguida pelas suas pesquisas com os curdos, presa, torturada, condenada injustamente e absolvida quatro vezes, levada a um Tribunal novamente agora em junho de 2024 -, o que tocava a ela, tocava a nós, mulheres, feministas, militantes da dança e da liberdade.

A continuação da história se escreve no presente. O que está em outra parte do planeta, está em nós. E as situações de opressão não param de provar que tudo está conectado. Que as injustiças sejam “ciscos nos olhos “(KATZ, 2024) de todas as pessoas.

Apagar as fronteiras linguísticas e dançar todas as línguas (indígenas, africanas, indo-européias...) numa experiência de escuta de sons, palavras, frases com a própria Pinar Selek mediando, foi a ação pós-abissal que propusemos a esta fase do projeto. Para tal, foram executadas oficinas permanentes de imersão na obra, oficinas de gestão e produção cultural insolentes, oficinas para mulheres, rodas de conversa e, finalmente, a concepção e criação da vídeo-dança. Sob o entendimento a partir da frase - agir com paciência -, todas as pessoas traçaram caminhos e perspectivas plurais e complementares. Dada a complexidade do tema e dinamismo da Coletiva, não foi almejado um caminho metodológico de via única, como já explicado acima. A construção de uma metodologia que estava sendo forjada na composição de uma coletividade e na relação com conceitos como insolência, insurgência e insurreição, cujos nós se faziam e desfaziam pelas circunstâncias que se estabeleciam nos encontros, tal construção foi permanentemente mediada por perguntas. E seguem outras: o que te faz ser insolente? Como nós, enquanto mulheres tão diferentes, podemos fortalecer nossa luta coletiva ao compartilhar as opressões que vivemos? Como nosso encontro pode modificar e mover o mundo? Quais as estratégias para os movimentos feministas? É possível redefinir o que é estratégia? Sublinhar porque os feminismos são decisivos para nós? Como as denominações sociais nos afetam?

Selecionamos algumas pistas que compartilhamos nesta insolência a fim de compor com as pessoas leitoras, uma dança que possamos dançar juntas. E a metodologia Insolente como chão para essa dança.

2- Quando Insolentes Dançam...

A experiência 2, homônima ao título deste artigo e tema do Festival Internacional de Dança de Araraquara (FIDA/2022), é uma homenagem dos curadores Gilsamara Moura e Ailton Krenak à Pinar Selek, essa mulher turca, exilada na França, ativista dos direitos humanos e perseguida injustamente há 26 anos, fonte de inspiração da Coletiva. Os curadores propuseram ao FIDA 2022 cenas artísticas específicas intituladas: preta, indígena, lgbtqiap+ e insolente, como pautas relevantes que tinham o intuito de friccionar os sistemas de opressão a elas associados.

Na ocasião do FIDA 2022, escrevi para o catálogo o seguinte texto e com a seguinte configuração visual (espaços, negritos e tabulações):

“INSOLENTE.

O que tem nessa palavra para estar no título de um Festival de Dança?

Pinar Selek, escritora, socióloga e pacifista, perseguida pelo governo turco, vive em exílio na França desde 2009. Eu a conheci em 2019, no mesmo ano em que eu e Ailton Krenak começamos uma amizade e nos conectamos para o FIDA de 2020 e 2021. Duas amizades entrelaçadas.

Ailton Krenak, liderança indígena, ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, vive às margens do Rio Doce. Ele nos ensina a pisar suavemente na Terra e a dançar para sustentar o céu.

Selek e Krenak inspiram e pautam essa edição que reivindica o direito à vida, à imaginação, à magia, à aventura, ao encontro.

Quando insolentes dançam... apresenta, nas reticências, o desejo de 'gentes' escrevendo, se arriscando a completar a frase, decolonizando e escurecendo, decantando e movendo, inventando e re-encantando mundos.

Com *ideias (insolentes) para adiar o fim do mundo*, o FIDA pede licença e celebra 22 anos de existência com uma curadoria compartilhada, construída por mim e por Krenak, com colaboração de Douglas Emilio. Nosso caminho se deu caminhando; sonhamos, firmamos e costuramos a programação com a ecologia de quem tem amor pelo que faz, no/pelo chão que nos constitui e com aquilo que nos é primordialmente relevante - a afetividade.

Propor uma curadoria compartilhada, não diz respeito apenas a juntar pessoas e formar uma equipe que discuta a seleção, distribuição e organização da Dança. Pensar um espaço dinâmico mediado por pessoas com responsabilidade política e motivadas a discutir critérios e argumentos, entre outros temas, é de fundamental relevância.

Refletir sobre a operação que é fazer uma curadoria em Dança exige uma visão em paralaxe, como diria Zizek. Esse é um tipo de deslocamento que propomos no FIDA 2022: olhar por perspectivas múltiplas; criar relações de colaboração nas diferenças; compartilhar a expansão das existências; apagar fronteiras.

Amorosamente, integramos indígenas de diferentes etnias, pesquisadores, educadores, artistas nacionais e estrangeiros, parentes, provocadores, manifestantes, numa rede de cuidado e muito respeito. Assim, temos esse pluriverso espiralar infinito:

(DIAGRAMAÇÃO EM ESPIRAL SEM ESPAÇOS EM CAIXA ALTA)



CONVERSASSELVAGENS
DIOGOSUSTENTAROCÉUDANÇAS-
SELVAGENSALDEIAARARA-
QUARAPARTILHASINSOLENTESTURQUIAAMORELUTAPARA
GUAITORÉTRANSARTÍSTICOJAMBUENCRUZILHADABÉLGI-
CACALUNGASMUGAN-
GUEIROSEXUBRASILCORPOFLORESTACORPOEBÓARGENTI
NAÁGORAENTREQUILOMBOKARIRIKIRIRIKRENAKNÓBREGA-
TERCEIRANATUREZA-
SAMBAFEMINISTABICHOSSOLTOSCUMADESCOMUNIDADEL
GBTQI+CASA HONRARIANORDESTENORTESUDESTESULTO-
CAYACAPOEIRAMARACATUREALI-
DADEVIRTUAONLINEOFFLINEFESTARITUALAWETÉKATUERE
HÉKANGHIKAYÁDJAGAWATÁDJOUPIWÉCONTARMAISUMA-
HISTÓRIALICENÇASPEDI-
DOENCANTADOSANCESTRESPRESENÇAS...

A curadoria em Dança não se encerra em si mesma, tem o compromisso de deixar vestígios, de disseminar marcas residuais poderosas, de pautar outras formas de políticas, de *corazonar* territórios, de evocar ritos e encantados, de fazer *acordar* em nós a insolência.

INSOLENTE. O que tem nessa palavra para estar no título de um Festival de Dança? Tem sol no meio, insolente. Tem luta por liberdade. Tem grito. Tem revolução. Quando insolentes dançam ... tem **SOL** na MORADA.”

Com esse texto síntese, o ideário proposto por mim e por Ailton Krenak para aquela edição, ganhava uma apresentação textual que indicava orientações da curadoria compartilhada por nós. E segue o texto de Krenak (2022), que também mantivemos a configuração visual (espaços, negritos e tabulações), publicado no catálogo do FIDA, dando imensos contornos à esta experiência intitulada *Quando Insolentes Dançam...*:

“A vida pode ser uma dança cósmica!

Nas bordas do mundo, constelações de seres cantam e dançam para suspender o céu sobre nossas cabeças.

Os afetos que animam nossas vidas fazem a transposição de fronteiras, brotam do desejo que anima nossas vidas plurais. Compartilhamos no FIDA 2022 a experiência de reunir corpos que se movem na disposição de curar o organismo amplo da sociedade que nos constitui e agrega, mesmo em tempos de crise. A terra reclama pés descalços, uma pisada de cura e reconhecimento. Mergulho na ancestralidade em resposta a esse desafio de fazer dançar o espírito.

Essa disposição guerreira que vem do barro debaixo do chão, amorosa por nascer da mãe Terra, convoca a presença de antigas tradições em diálogo com as expressões da dança contemporânea, nos movimentos que foram desenhados nos terreiros das aldeias e tekoá, no ritual do Toré do povo Kariri Xocó, de Alagoas, que ativam DIÁLOGOS em espaços fora de suas comunidades, com ações voluntárias e educativas a nossa pluralidade cultural brasileira. Araraquara abre-se a essa diversidade e acolhe como ninho, uma multidão de propósitos afetivos, que dançam ideias de emancipação e resistência. Celebrações e ritos que sustentam a vida.

Corpos performáticos, de sujeitos coletivos em prontidão para um mundo que vem perdendo suas memórias do corpo que dança. Uma outra dança, pois quer também comunicar espírito e mente em comunhão implicada. Assim, o chamado a uma outra dança é boi, ê boi!

**Cantando, dançando
passando sobre o fogo
no rastro de nossos ancestrais seguimos
no Continuum
da tradição.**

Os Kiriri de **Acré**, povo originário estabelecido em Minas Gerais, fazem presença no FIDA como uma imprevista itinerância, causada pela diáspora interna que nos desperta para a questão ecológica e povos indígenas no Brasil. O FIDA 2022 põe em cena diversos coletivos que também dançam. Experiências de dança em

diálogo, tanto aqueles que desde sempre ocuparam se da cena cultural, quanto sujeitos que veem das práticas tradicionais no seu meio, em seu lugar onde estão seus terreiros que dançam. Animando com suas presenças a atualização das expressões dançadas, como fruição da vida e da cultura, sem estabelecer comparação entre os muitos jeitos de corpo.

Fazer dançar a complexidade sociocultural de nossa gente, faz também emergir outras realidades regionais, como fica expresso na rica e inspiradora obra do mestre Antônio Nóbrega, onde refinamento, pesquisa e poesia tecem fios da história, das expressões populares da dança, e dos folguedos como memória. Um acervo incomparável de subjetividade, que toma os nossos sentidos, com encantamento a arte de guardar a musicalidade, gestos e movimentos no corpo vivo.

Geni Núñez, convoca outros mundos quando denuncia a monocultura dos afetos que incide sobre corpos livres, fazendo um mundo duro e pouco permeável a todo atravessamento que a vida possibilita. Corpo espiritado, que dança em constante disposição amorosa aberto a transformações. Antídoto contra a dura imobilidade das formas que age sobre o que vai dentro de nosso ser e que abre se para o encantamento do mundo.

O corpo fala de um lugar tão remoto e dentro, que nem mesmo a nossa ideia de pertencimento e familiaridade uns com os outros consegue supor.”

Nesta edição 22 do FIDA, pelo entendimento de indissociabilidade entre vida-arte, pesquisa-ensino-extensão, universidade-sociedade, inevitavelmente, os estudos e pesquisas realizadas com Insolente confluíram e desembocaram também no festival e na curadoria. O que é relevante apresentar aqui é como algumas cenas podem convidar as pessoas leitoras e caminharem conosco nesta cartografia preocupada a produzir sentidos para uma coletividade.

Entre residências selvagens, conversas selvagens, workshops selvagens, rituais, cheganças e torés, cenas foram desenhando bordas porosas que legitimaram a linha conceitual do FIDA em consonância com o projeto Insolente e cujas pautas políticas para a expansão da Dança no Brasil reafirmam a bandeira que a autora tem se dedicado a defender. Bordas catalíticas, arejadas

e em permanente processo de amalgamento. Contemplar a vida como uma dança cósmica (KRENAK, 2022), a dança como um pensamento do corpo (KATZ, 1994) e as discussões que se transversalizam como manifestações contemporâneas, políticas e de criação em dança, têm sido alguns de nossos objetivos.

Quando insolentes dançam, aprende-se a pisar suavemente na terra, o jambu treme, as danças e os cantos ressurgem com força, os rituais contracoloniais ecoam, os encantados voam, as nuvens se tornam comunidades.

Repito: Quando insolentes dançam... apresenta, nas reticências, o desejo de 'gentes' escrevendo, confluindo, se arriscando a completar a frase, decolonizando e escurecendo, decantando e movendo, inventando e reencantando mundos.

Eis aqui mais algumas coordenadas de nosso mapa de insolências. Novas formas de 'curar' um festival convocam novas estratégias de insurreição nesta luta pelo reconhecimento da dança como política pública e como potência de vida.

3- *Insolência 5: eu amo dançar com as maneiras de dizer as coisas*⁴

A terceira experiência abordada neste artigo intitula-se *Insolência 5: eu amo dançar com as maneiras de dizer as coisas*. Trata-se de uma obra em processo apresentada ao público em 2022, em Assunção e em Araraquara, que trabalha cenicamente com ações como engajar-se, solidarizar-se, dançar como forma de resistir, ocupar com experiências diferentes de dançar as coisas e convidar à festa como um tipo de insurgência.

⁴ O número 5 para esta insolência foi uma escolha da Coletiva quando propôs abordar aspectos e passagens da obra *L'Insolente*, de Selek & Gamblin, de trás para frente, ou seja, do final para o início. Tal escolha se deu pela razão de iniciarmos os processos de criação alinhadas aos acontecimentos atuais para chegarmos àqueles registrados no início da narrativa, 1987. Assim, elaboramos um roteiro de possíveis processos do pós-abissal, passando pelas insolências 5 a 1.

Inquietações movidas pela escrita deste artigo acionam modos de agir a fim de “reapropriar-se da força de criação e cooperação” (ROLNIK, 2018) e conferir às consistências existenciais, sustentações outras que não aquelas submissas e assujeitadas.

Si on me demande où j'en suis, je répons que je tiens bon la barre, que j'ai appris à jouer avec ces vents qui m'ont d'abord déroutée. Mais que je ne peux pas mettre le cap sur le lieu dont je parle, le pays qui me manque. (SELEK, 2019, p.123)⁵

Pretende-se aqui, prosseguir na construção do mapa de insolências cujas coordenadas apresentam confluências não-comuns, não-corriqueiras, não-óbvias e encontros com outros corpos, movimentos e vôos que convocam o desejo de agir (ROLNIK, 2018). A Coletiva, desde 2021, tem se inspirado na busca de narrativas feministas, plurais, contra-hegemônicas, antirracistas, sul-americanas e indígenas, em uma perspectiva contracolonial. Importante reafirmar que as linguagens fundantes são a dança e a literatura, em diálogo com a dramaturgia, tendo como impulso teórico o livro *L'Insolente: dialogues avec Pinar Selek* (GAMBLIN, 2019), o qual narra a história de vida de Pinar Selek, além de apresentar aspectos críticos, analíticos e sociais que estimulam as pessoas leitoras para uma experiência de possível entendimento de macropolíticas. Do micro ao macro e vice-versa.

Desde o encontro com tal obra e autora, o estudo coordenado por mim, em colaboração com a mestrandia Alejandra Díaz (PRODAN-UFBA/ Crear en Libertad/ Paraguay), reúne corpo, política e movimento numa tríade inseparável.

Além de Pinar Selek, autores como Ailton Krenak e Nêgo Bispo inspiram e pautam esta escrita, que reivindica o direito à vida, à imaginação, à magia, à aventura, ao encontro, ao invisível. Com *ideias insolentes para adiar o fim do mundo*, parafraseando Ailton

⁵ “Se alguém me pergunta qual é a minha posição, respondo que estou segurando firme o leme, que aprendi a jogar com esses ventos que me confundiram no início. Mas não consigo definir uma rota para o lugar de que estou falando, o país do qual sinto falta.” (tradução nossa)

Krenak, este artigo tece caminhos confluentes em seu próprio caminhar, sonhando, fiando e costurando palavras com a ecologia social de que Pinar Selek também pauta em suas lutas por direitos humanos.

Refletir sobre as insolências, as insurgências e as insurreições exigem uma visão em paralaxe, como diria ZIZEK (2008), um olhar que espreita perspectivas múltiplas; cria relações de colaboração nas diferenças; compartilha a expansão das existências; apaga fronteiras; coreografa políticas da amizade.

O aposto presente nesta insolência - *eu amo dançar com as maneiras de dizer as coisas* – apresenta-se como um desafio. Habitualmente, dançamos sobre algum tema, dançamos para algo ou alguém, dançamos por algum motivo. Dançar com é muito distinto disso tudo. Dançar com é praticar a crítica imanente, é abraçar o fracasso, é explorar o desapego. Dançar com é deleitar-se com o imprevisível, acordar para o inusitado, habitar o incerto. Dançar com é encontrar com uma comunidade que pode ser efêmera. Dançar com episódios que não se repetem, com microdanças que se desfazem. Dançar com o gerúndio, com o impessoal, com as maneiras de bagunçar as distopias.

A sinopse desta insolência, construída a muitas mãos pela Coletiva, diz:

“Uma mulher em uma travessia. Uma mulher. E outra. E outra...”

Cada uma delas, mesmo diferentes, tem travessias que se conectam.

Ser mulher pode ser ponte, e também ser fronteira.

Ser túnel, e também ser nuvem.

Em cena, surgindo em meio ao público, lutas, dores e acalantos costuram a existência dessas mulheres. O dançar é forma de resistir, é solidariedade política e artística, é romper fronteiras, é viver. É convite à festa.

É demarcar a própria potência no mundo.

Reconhecer-se território, porém sem invasões, ser território de si não é apagar o território e a vivência do outro.

O convite é para que se apaguem as fronteiras dançando.

Ocupamos com experiências diferentes de dançar as coisas.”



Fig. 2. Identidade visual INSOLENTÉ. Artista visual Marina Amaral (Brasil), Acervo Projeto INSOLENTÉ.

Audiodescrição da imagem: desenho de uma mulher com braço acima da cabeça, com cauda de sereia e cabelo com ponta de serpente em verde. Da boca da serpente saem ramos de folhas verdes sobre fundo vermelho-cereja-claro, com folhas maiores pelo desenho em meio da palavra INSOLENTÉ.

A necessidade de compartilhamento criativo com outras artistas, de países diferentes, de áreas artísticas distintas e com idade acima de 40 anos, aparece como um desejo pulsante, uma urgência nesta fase. Entender como pessoas de diferentes gerações compreendiam a insolência relacionada com atitudes de confronto ou de resistência aos sistemas de opressão vigentes, era uma necessidade da pesquisa naquela ocasião.

Assim, em Assunção/ Paraguai, as pessoas dispostas a participarem de uma residência curta com o objetivo de apresentar um resultado público, se reuniram para esta aventura do com.

A pergunta posta no início da residência foi: *O que é Insolente para você?* Uma pergunta direta que foi a ignição ao que viria a ser a experiência *Insolência 5: eu amo dançar com as maneiras de dizer as coisas*, um experimento cênico com dança, música, dramaturgia, oralidade e pintura, com duração de uma hora, ocupando um espaço não-convencional, o pátio norte dos fundos do Teatro Municipal de Assunção, um prédio antigo, recuperado especialmente para esta ocasião.

As artistas residentes do Paraguai foram: Lucy Yegros, Norma Ortega, Laura Ferreira, Norma Ávila e Liliana Segovia. Todas essas mulheres têm uma vida ligada às Artes, comprometidas com a transformação social, com origens diferentes em relação à ancestralidade dos povos nativos daquele território.

A resposta à pergunta inicial proposta já sinalizou indícios que suas vozes eram insolentes em relação à convicção do bem viver e ao equilíbrio com os seres da Terra.

A performance se configurou em harmonia com o pátio do Teatro recuperado e com estreita convivência com o público, que acompanhava a itinerância das cenas bem de perto, passeando e construindo desenhos espaciais coletivo aleatoriamente. A obra tem a forma de episódios transitórios, porém relacionais, ou seja, no início da viagem, a violência e a tortura vividas por Pinar Selek remetiam a momentos equivalentes às ditaduras no Paraguai, na Argentina e em outros países da América Latina. Também havia uma cena que apresentava o cuidado e a cura que Pinar Selek recebia, após horas de tortura pela qual ela passava, pelas mãos de mulheres curdas prisioneiras. A medicina natural da sabedoria das plantas, os cantos tradicionais ancestrais e a ritualização conectaram aquelas artistas do Paraguai aos povos indígenas por meio das vozes de Laura Ferreira e Norma Ávila.

Outra cena da artista Lucy Yegros, com sua voz irretocável e um canto de amor tocado pelo violão e harpa paraguaia de Norma Ortega, associava a imagem de um oráculo ou de uma confraria, uma verdadeira magia, outra palavra que Pinar Selek associa ao conceito de insolente – *sorcière* – que significa bruxa.

O episódio seguinte transitou como livre improvisação da artista plástica Liliana Segovia com pinceladas de pintura ao vivo

(Sumiê) em papéis e também sobre o corpo de outra artista em cena.

Ao final, todas as artistas, envolvidas pelo ritual do fogo e pelas plantas curativas preparadas por Laura Ferreira, convocaram o público presente a uma grande ciranda, a uma gira ao ritmo de uma canção armeniana, sugerida pela própria Pinar Selek, como um hino à liberdade.



Fig.3. Arena. Fonte: INSOLENTÉ, 2022, Acervo Projeto INSOLENTÉ.

Audiodescrição da imagem: artistas Alejandra Díaz, vestida de vermelho e Gilsamara Moura, vestida de preto, em cena no formato de arena, com o público ao redor, ambas em pé, sobre um chão de terra batida coberto por uma camada de farinha branca.



Fig.3. Arena. Fonte: INSOLENTÉ, 2022, Acervo Projeto INSOLENTÉ.

Audiodescrição da imagem: artistas Lucy Yegros, vestida de preto com xale laranja no centro, rodeada de artistas e público. Refletor de luz no canto esquerdo alto. Todas as pessoas atentam à artista que está no centro da foto.

Ao longo do processo de criação em Assunção, como parte da programação do *Crear en Libertad 2022 - 21º Encuentro Internacional de Danza y Artes Contemporáneas*, questões sobre deslocamentos territoriais, mulheres imigrantes e exiladas, invasão de territórios e expulsão de povos originários, juntam-se ao desejo por criar lugares possíveis de existência e de resistência.

Desta maneira, o projeto seguiu para compartilhar a mesma proposta com outras artistas no Brasil, especificamente em Araraquara, durante o *Festival Internacional de Dança – FIDA 2022*, na área externa da Chácara Sapucaia / UNESP, lugar icônico da cidade, onde Mário de Andrade escreveu *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter.

A obra com mulheres de diferentes idades e de diferentes vivências no Paraguai motivou a continuidade no Brasil e recebeu o interesse das artistas: Azucena Rodriguez, Juty Oliveira, Isabel Cristina Fernandes, Luzinete Silva, Maria Alice Ferreira, Sabrina Kelly e Kranya Díaz-Serrano.

Sob a perspectiva de mulheres sulamericanas, que residem em regiões distantes dos grandes centros, seja no Brasil ou no Paraguai, a descentralização territorial também foi um aspecto discutido e abordado. Neila Dória, integrante da Coletiva, afirma como sendo fundamental o entrelaçamento de vivências de mulheres considerando opressões existentes ao redor do mundo, bem como as estratégias feministas frente a tais cenários, para concretizar caminhos e possibilidades de realização artística.

Obviamente que a apresentação em Araraquara foi muito diferente da de Assunção no que diz respeito a alguns aspectos: espaço da chácara que era bem mais amplo; composição do elenco advindo da residência que era de pessoas mais ligadas à dança; canções escolhidas ligadas ao contexto indígena-brasileiro; e elementos diferenciados que compuseram as cenas tais como tochas para iluminação local.

Almejamos, com nossa obra em processo, fortalecer diálogos, valorizando a produção e circulação de conhecimento, na ânsia por promover reconhecimento e visibilidade às mulheres latino-americanas.

E a questão que fica é: podemos pensar proposições estéticas considerando suas dimensões políticas territoriais?

4 - Insolência 4: o sentimento de que tudo é possível⁶

Pinar Selek nos convida a olhar para suas experiências de vida simultaneamente ao fato em que tece críticas sociais e políticas à condição de opressão à mulher relativas às mais variadas instâncias. Este caminho também se coadunou a nós, mulheres envolvidas e nossas histórias de vida. Não é possível falar sobre este tema se não enfrentarmos o opressor que vive em nós, dentro da gente. De alguma maneira, fomos oprimidas, seja no ceio familiar,

⁶ O número 4 para esta insolência foi uma escolha da Coletiva quando propôs abordar aspectos e passagens da obra *L'Insolente*, de Selek & Gamblin, de trás para frente, ou seja, do final para o início. Tal escolha se deu pela razão de iniciarmos os processos de criação alinhadas aos acontecimentos atuais para chegarmos àqueles registrados no início da narrativa, 1987. Assim, elaboramos um roteiro de possíveis processos do pós-abissal, passando pelas insolências 5 a 1.

no trabalho, nas relações afetivas e amorosas, na dança. Sim, na dança.

Como nunca foi nossa intenção cênica traduzir ou narrar linearmente a história da ativista turco-francesa Pinar Selek, foi com essa insolência que enfrentamos, até o momento, o maior desafio. Tal atmosfera de conectividade, entre o cotidiano atual em nossos países da América do Sul e o mais recente pedido de nova condenação (2023) de Pinar Selek, expôs uma ferida social vigente e que não cessa de sangrar. Palavras como enfrentamento, danças não violentas, comunicação amorosa e corpos políticos em cena, fizeram eclodir a questão: que danças se fazem possíveis?

A resposta estava inconsciente e tacitamente posta por nós mesmas no próprio título, quando o escolhemos para esta fase da pesquisa. 'O sentimento de que tudo é possível' escancara o esperançar, faz acreditar que algo pode mudar, ao mesmo tempo que também acorda o desconhecimento que espreita, o perverso que se refina, o ódio dos ressentidos.

Pinar escreveu:

Falem o que falar a violência está em aumento. Na Turquia e em outros cantos do mundo, as políticas que são colocadas em prática nos impedem de qualquer manobra. Estamos sequestrados pelos mecanismos de dominação que se reorganizam constantemente. Frente à alienação, o consumo desenfreado, a brutalidade, em um espaço público cada vez mais restrito, a nossa voz se torna inaudível. A onda de injustiças, de violência e humilhações assombram as nossas vidas, enquanto nós nos resignamos à impotência. (SELEK, 2020, p.87, tradução nossa)

Esta fase da pesquisa reuniu as artistas Gilsamara Moura (Brasil), Alejandra Díaz (Paraguai), Brenda Urbina Bolaños (México), Angel Fox (Palestina), os músicos Antonio Cerqueira e Ailton Coelho (Brasil), Nânara Santana (Brasil) com Libras e a participação especial da própria escritora Pinar Selek (França-Turquia), de maneira remota. Foi premiada pelo Fundo Iberoamericano para a Cena - IBERESCENA, em 2024, teve sua estreia em fevereiro de 2024, na Casa Aweté Katu, no Povoador de Diogo/ Mata de São João/ Bahia/ Brasil; no mês de comemoração do Dia Internacional da Dança, abril de 2024, a

obra em processo foi apresentada no Teatro Molière, na Aliança Francesa, em Salvador/ Bahia/ Brasil. Nesta fase, como dito anteriormente, Pinar Selek participou de forma virtual com registros sonoros e audiovisuais devido à impossibilidade de sair da França pelos processos judiciais injustos a que ela responde frente ao Governo Turco.

Através das reverberações dos movimentos de enraizamento, de voltar-se à terra, reconectar-se, foram abordadas questões contemporâneas como: deslocamentos, territórios, imigração, exílio e nomadismo poético, num desejo de criar lugares para re-existir e re-florestar o planeta com pessoas que acreditam na revolução com Arte e pela defesa da vida.

Dessa forma, *INSOLENTE: o sentimento de que tudo é possível*, almejou enveredar por raízes de luta, olhando para essa insolência em comum dentre tantas mulheres, na busca por emergir pistas para um mundo com mais equidade e menos opressão.

As questões que pautavam os encontros estavam relacionadas ao tipo de engajamento artístico que assumiríamos como vínculo de compartilhamentos políticos em dança. Como tratar destas danças sem cair no panfletário? Há de se enfrentar uma coisa que era certa entre nós: o entusiasmo em denunciar opressões pelas quais nós também passávamos. Se a qualidade de panfletário revela uma condição de apoio entusiástico ou enfático a um determinado movimento, como evitar a criação contaminada por isso? E mais uma vez, Pinar nos ensinando: “Há que tentar uma e outra vez. No sentimento de que tudo é possível” (2020, p.88).

Graças ao feminismo, muito jovem, eu compreendi que temos a necessidade de conceitos para compreender o funcionamento da sociedade, as ligações invisíveis entre as diferentes esferas e a maneira pela qual essas ligações formam sistemas. O feminismo não permite transformar tudo, mas sem feminismo não podemos mudar nada. (SELEK: 2019: p.118, tradução nossa)

Este artigo reforça a urgência de esgarçarmos as relações entre dança e outros contextos, insolentemente. Como escrito anteriormente e relevante reafirmar, este artigo tem o compromisso de deixar vestígios, de disseminar marcas residuais poderosas, de pautar outras formas de políticas, de *corazonar* territórios, de evocar ritos e encantados, de fazer acordar em nós a insolência, de transformar corpos em atos de políticas solares de afeto.

Quando insolentes dançam ... tem SOL no meio. InSOLente.

Recebido em: 31/05/2024

Aprovado em: 12/08/2024

Referências Bibliográficas

COCCIA, Emanuele. *Métamorphoses*. Paris: Éditions Payot & Rivages: 2020.

CRUTZEN, Paul & STOERMER, Eugene. *The "Anthropocene"*. In Global Change Newsletter, 41: 2000, 17-18.

GAMBLIN, Guillaume. *L'insolente: dialogues avec Pinar Selek*. Paris/France: Éditions Cambourakis, 2019.

GREINER, Christine. *Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares*. São Paulo: Annablume, 2005.

GUERRERO ARIAS, Patricio. *Corazonar. Una antropología comprometida con la vida: miradas otras desde Abya-Ayala para la descolonización del poder, del saber y del ser*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2010.

KATZ, Helena Tania. *Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo*. Belo Horizonte: Editora: FID, 2005.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. *O futuro não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2014. v. 22, n. 3, p. 935-952, set.-dez.

MANNING, Erin & MASSUMI, Brian. *Pensée en Acte, vingt propositions pour la recherche-crédation*. Paris: les presses du reel, 2018.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetizada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Antonio Bispos dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora: 2023.

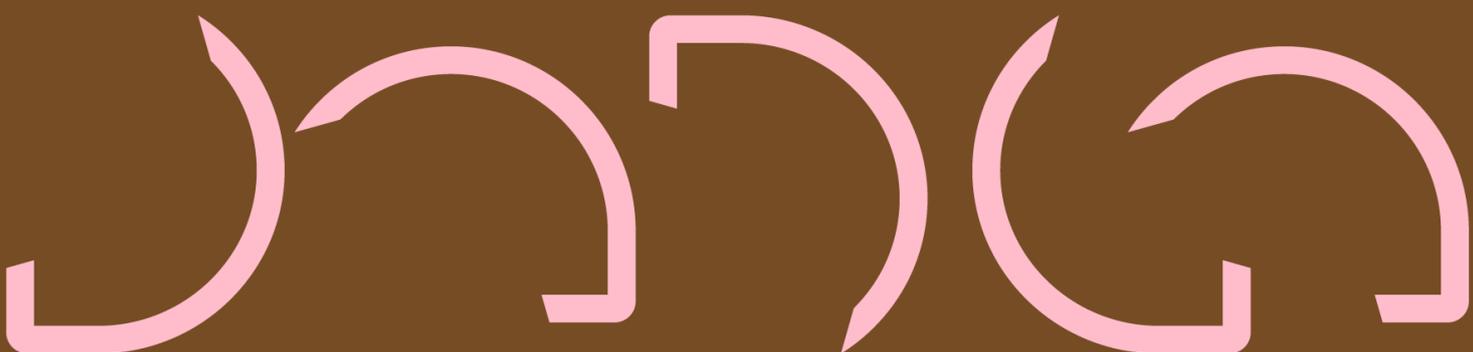
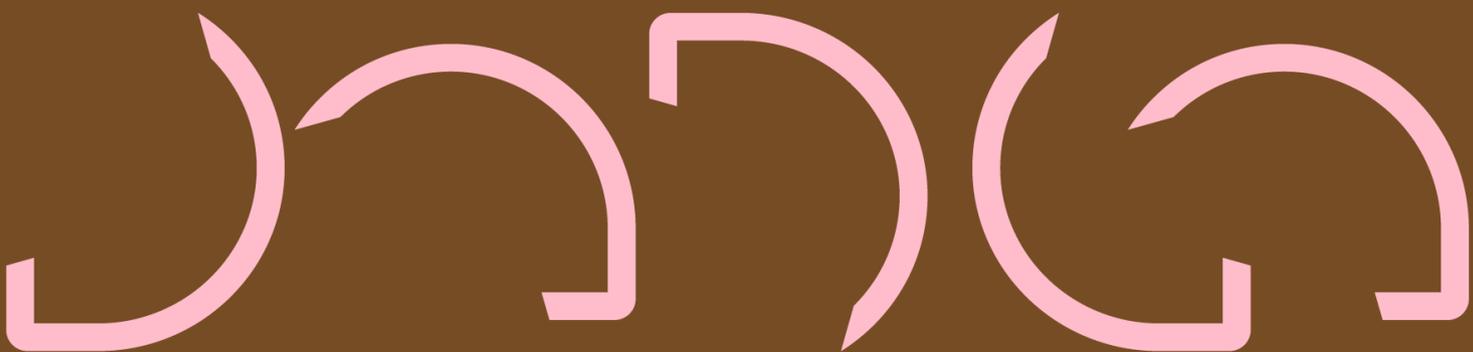
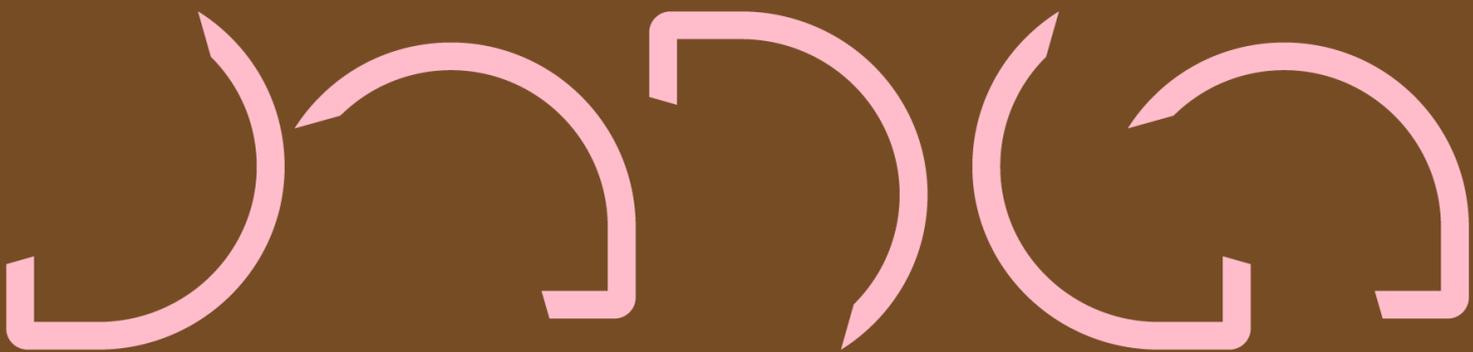
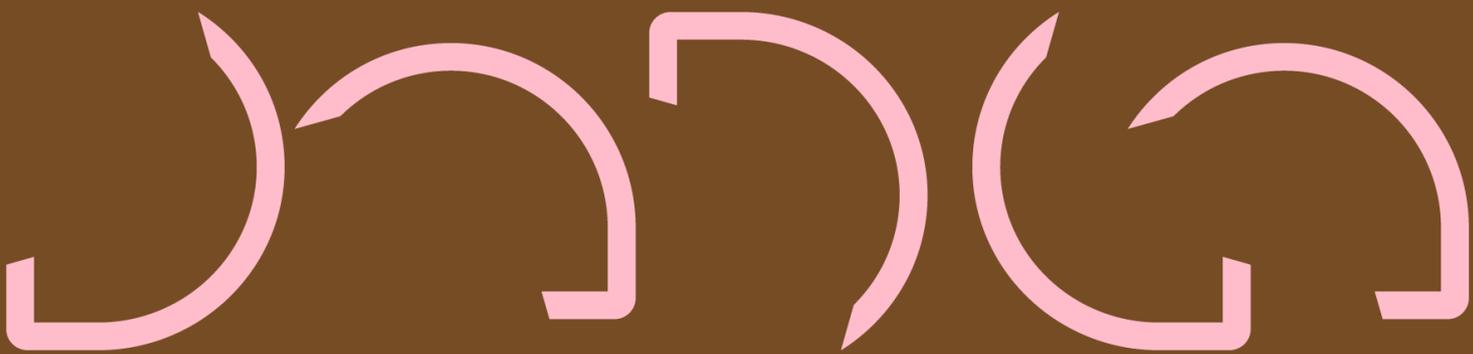
SELEK, Pinar. *Loin de chez moi, mais jusqu'où?...* Collectif de Solidarité. Donnemarie-Dontilly. Éditions iXe, 2012.

_____. *Parce qu'ils sont arméniens*. Paris: Éditions Liana Levi, 2015.

_____. *La máscara de la verdad*. Libélula Verde Ediciones: Barcelona, 2020.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial* / Françoise Vergès; traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. Título original: Un féminisme décolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZIZEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.



REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN
UFRJ

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança